

# O Dia de Descanso no Antigo Testamento

Hans Walter Wolff  
Heidelberg

Esta palestra quer estar orientada principalmente na seguinte pergunta: Em que sentido o mandamento do sábado no Antigo Testamento é chocante para o pensamento teológico moderno e para a praxis da Igreja de hoje? Esta questão é importante por três razões:

1. Na sociedade moderna o problema da estruturação do tempo livre ainda não foi plenamente solucionado. Apesar de o tempo livre ter oficialmente aumentado bastante, podemos falar de uma devastação do dia geral de descanso. E isto, porque os empresários, os políticos, os cientistas e muitos outros usam este dia, destinado ao descanso geral, para recuperar o trabalho atrasado, a fim de que este não fique deitado. As massas, por outro lado, ou buscam um outro emprego que preencha o seu amplo tempo de folga, ou se deixam dirigir pelos programas das indústrias especializadas no planejamento do tempo livre. Quem ainda descansa e se recupera no dia do descanso? Esta questão pode tornar-se vital.

2. O feriado comum deveria ser uma preocupação fundamental constante na teoria e na praxis das comunidades cristãs. No Novo Testamento este problema ainda não sobressai tanto. A prática do sábado existente nas sinagogas foi adotada e criticada antes de se instituir o dia da Ressurreição de Jesus (Mt. 28,1) como "Dia do Senhor" (Ap. 1,10). As questões levantadas durante os séculos seguintes não conseguiram ser solucionadas pelas leis estatais referentes ao descanso no domingo, decretadas pelo Imperador Constantino em 321. Hoje o mandamento do dia do descanso pode ser considerado um caso teológico modelar que traduz a inseparabilidade de fé e vida, culto e etos, tradição e ação.

3. Talvez fosse por este motivo que o mandamento do dia do descanso já teve relativamente tanta importância no Antigo Testamento. No Decálogo é o mandamento que ocupa maior espaço. Em formas diferentes nós o encontramos também em Ex 34 e 20, no Livro do Pacto, no Deuteronômio, na Lei da Santidade e no Escrito Sacerdotal. Os profetas Amós, Oséias e Ezequiel, apesar de tão diferentes entre si, tomam posição quanto ao sábado. O man-

damento do dia do descanso aparece nos mais diversos relatos históricos, desde o relato da criação até as “Memórias” de Neemias. A estatística ressalta ainda mais o grande âmbito abrangido por este mandamento: de todos os dias contados “o sétimo dia” é o que mais aparece (cerca de 50 vezes cf. E. Jenni, *Theol. Handwörterbuch zum AT. I*, 1971, 710).

Antes de perguntarmos pelo significado do sábado temos que constatar o que o Antigo Testamento nos diz sobre a observância do sábado. Como deve ser celebrado o sétimo dia? Ex 34, 21a, talvez a forma mais antiga do mandamento, diz: “Seis dias trabalharás, mas ao sétimo dia descansarás”. No hebraico temos dois versos, cada qual com três acentos, e com rima final: “sesät jamim ta' abod — ubajjom hassebi'i tisbot”. Encontramos aí o termo chave que deu origem ao nome do dia de descanso no Antigo Testamento: sbt = parara de trabalhar, descansar do trabalho (cf. Gn 8, 22). O dia deve ser celebrado pelo não trabalhar.

Mas será que no Decálogo o mandamento do sábado não recebe uma forma positiva? Ex 20, 8: “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.” E Dt 5, 12 modifica bem pouco: “Guarda o dia do sábado, para o santificar, como te ordenou Javé, teu Deus.” (le-kaddeso poderia ser secundário em Dt 5, 12, inserido a partir de Ex 20, 8, conforme a opinião de A. R. Hulst, *Bemerkungen zum Sabbatgebot*, *Studia Biblica et Semitica* Theodoro Christiano Vrietzen, 1966, 152-164). Em ambos os textos é dito expressamente que o sétimo dia é “Sábado para Javé, teu Deus” (Ex 20, 10; Dt 5, 14). A pergunta de como cumprir este “lembrar”, “guardar” e “santificar” de um “Sábado para Javé” tem que ser respondida unicamente por: “Não farás nenhum trabalho”. É possível, pois, e até provável, que a forma positiva do Decálogo tenha surgido originalmente de uma negação categórica. Além de Ex 34, 21 também encontramos esta forma negativa no Livro do Pacto, Ex 23, 12, e na Lei da Santidade, Lv 19, 3. A santificação do sábado consistia em demonstrar abertamente que se parou de trabalhar.

O sábado ganha destaque cultural nas leis sobre os sacrifícios a serem oferecidos diariamente, de manhã e à noite. Para o sacrifício dos sábados é exigido o dobro (Nm 28, 9s), ou o triplo (Ez 46, 4s) dos cordeiros, além das ofertas de manjares e as libações. Mas estes preceitos surgiram bem tarde e são fracamente documentados. E já que eles fazem parte da regulamentação cultural para cada dia, parece até confirmarem que o sábado não tem qualidade especial do ponto de vista cultural. Devemos concordar com A. Alt (*Kl. Schriften I*, 331, 1): “Originalmente o sábado era caracterizado unicamente pela proibição de todo e qualquer serviço e não tinha nada a ver, no tempo dos antigos israelitas, com o culto positivo a Javé.” Depois de cada espaço de seis dias toda a atividade deve ser interrompida por um dia inteiro.

Será que o sábado era tão significativo para a fé em Javé? Esta greve regular contra todas as obrigações de trabalho era, em princípio, uma manifestação a Javé, Deus de Israel?

Para dar uma explicação a isto recorreremos às diversas versões sobre o mandamento do dia do descanso.

1. Começaremos pela versão **deuteronomica**. Dt 5, 15 relaciona o mandamento do sábado à antiga tradição israelita do Êxodo: "Lembra-te que foste servo na terra do Egito, e que Javé, teu Deus, te tirou dali com mão poderosa e braço estendido: pelo que Javé, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado." Nesta versão o dia de descanso encontra a sua fundamentação na confissão fundamental de Israel, na confissão de que Javé libertou Israel do Egito. Cada sétimo dia deve lembrar Israel de que seu Deus é um Deus libertador, um Deus que conseguiu eliminar todos os senhores de escravos e que está em condições de enfrentar todos os detentores do poder que pretenderem oprimir o seu povo, tanto os opressores externos como os internos. Será que a primeira cristandade não teve a mesma idéia quando relacionou o dia de descanso com o da Ressurreição de Jesus Cristo? Cada sétimo dia deveria lembrar-nos de que o nosso libertador não mais será vencido por nenhum poder e nenhuma morte. Através dele fomos totalmente aceitos, assim como somos, antes e independentemente de todas as nossas realizações e obras e apesar de toda a nossa culpa. Nenhuma obra ainda tem o poder de oprimir-nos. As nossas transgressões não nos podem acusar, nem o podem as nossas meias qualidades, nem tampouco o trabalho fragmentário da semana que passou.

Este, pois, é o sentido primordial do sétimo dia: o descanso da labuta tem a função de lembrar-nos a liberdade que já nos foi dada. Parece que nós temos a necessidade deste constante recordar-se da grande liberdade que nos é concedida. Os encontros das primeiras comunidades no primeiro dia da semana parece terem este sentido do recordar-se, conforme At 20, 7-12. O sábado não tem, portanto, a função de acordar em nós a lembrança de um compromisso ou dever cultural, mas a lembrança dos atos que Deus fez por nós. No antigo Israel os primeiros a terem esta tarefa de fazer lembrar eram os pais. Talvez seja por causa disto que encontramos, dentro da Lei da Santidade, Lv 19, 3, o mandamento relativo ao respeito aos pais em conexão especial com o mandamento do sábado. Já no Decálogo este precede imediatamente aquele. Mãe e pai (conforme a sequência de Lv 19, 3) são os primeiros transmissores da história salvífica, e, como tais, merecem a atenção e o respeito das crianças. Os pregadores deuteronomicos provavelmente não foram os primeiros a mostrar isto; v. Dt 6, 20ss).

O mandamento do sábado é um sinal manifesto de que os mandamentos fundamentais dados a Israel são tão somente benefícios. Eles não são, em si, exigências, mas exatamente o contrário: eles libertam de exigências. Nesse sentido também é significativo que no assim denominado Decálogo Cultural, o cerne original de Êx 34, o mandamento do sábado segue de imediato à proibição de ter outros deuses e de fabricar imagens (14-21); cf. M. Noth, ATD 5. O Deus que se deu a Israel é também o Deus que deu ao povo o

tempo. A instituição do sétimo ano para a terra, em Lv 25, 1-7, esclarece isto: o fato de que cada sétimo ano a terra lavrada ter que permanecer inculta quer dizer que a terra é dádiva de Deus. Semelhantemente "deixar inculto o tempo do sétimo dia" pretende rejeitar a ambição pelo tempo e declara que todo o tempo é tempo dado (assim W. Zimmerli, *Die Weltlichkeit des AT*, 1971, 80). Desistir abertamente da labuta no "sábado destinado a Javé" pode, assim, significar um testemunho para todos os dias: todo o tempo é dádiva. Mas este lembrar-se da liberdade concedida a nós quer mesmo testemunhar a libertação, em princípio, de todo o trabalho forçado? Isto ainda terá que ser discutido.

2. Antes, no entanto, queremos descobrir a segunda fundamentação principal do mandamento do sábado, que está relacionada com o pensamento do **Escrito Sacerdotal**. Ex 20, 11 fundamenta a ordem ao dia de descanso da seguinte maneira: "porque em seis dias fez Javé os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou: por isso Javé abençoou o dia de sábado, e o santificou". Conforme esta versão o dia de descanso deve indicar energicamente que o homem foi colocado em um mundo dotado abundantemente de todas as coisas necessárias e, além destas, de muitas coisas bonitas. O sábado convida à **alegria pela criação**. O texto desta fundamentação do sábado nos leva ao primeiro relato da criação que narra, de maneira magnífica em sua forma arcaica, como o primeiro dia inteiro da existência do homem é o grande dia de descanso. Deus tem seis dias de labuta atrás de si. Mas o homem pode, no primeiro dia de sua existência, participar do descanso de Deus e admirar esta grandiosa obra divina. Só depois disto é que o homem irá trabalhar. Talvez os cristãos tivessem razão e demonstrado sabedoria teológica, quando, em substituição ao sétimo, instituíram o primeiro dia como dia de descanso. Para o homem liberto e presenteado por Deus a semana não termina, mas começa com o dia de descanso. Para este homem a semana não se desenvolve arduamente até atingir o dia de descanso, mas começa alegremente com o descanso. Por isso o trabalho deveria ter um maior caráter de brincadeira e também um caráter de protesto contra o princípio da realização e contra a opressão deste espírito de ter que realizar algo. Pois a nossa tarefa consiste simplesmente em aproveitar devidamente, isto é, sem destruir, aquilo que o Criador nos coloca à disposição. (O grande perigo da destruição torna-se evidente na poluição.) O homem não pode compreender-se devidamente a si mesmo sem a obra precedente de Deus. Sem observar esta obra, o homem não vê sentido nela. Sem ela o homem não encontra o seu relacionamento correto com o trabalho ou com o repouso. O domingo quer reavivar a alegria pela criação, pela abundância de vida, de tipo, de vozes, pela abundância que chega às raias do desperdício, de modo que "os pássaros cantem muito mais do que permite Darwin," como diz um biólogo moderno. Será que não precisamos aprender de novo a guardar o dia de repouso em alegria por céu e terra?

Ex 20, 11 diz claramente que “Deus descansou” ao sétimo dia. Em Ex 31, 17 ao sabat é ainda acrescentado wajjinnapas: ele tomou alento, respirou aliviado. Este descanso de Deus tem dois significados: Deus **pode** repousar, pois toda a obra, tudo que é necessário aos homens, está concluída. O acréscimo “ele respirou aliviado”, “ele tomou alento”, denota também de leve que Deus **tem** que descansar por se ter cansado na sua obra criativa. A compreensão certa disto nos é dada na expressão do cansaço de Jesus Cristo pela sua obra salvífica: “Está consumado”. Deus nos concedeu tudo dando-se a si mesmo a nós.

“Por isso Javé abençoou o dia de sábado.” Anteriormente Deus abençoara, em Gn 1, 2.28, os animais marítimos e os homens com o seguinte resultado: eles receberam a energia da fertilidade e da reprodução. Agora o dia de descanso é abençoado. Também este é dotado de energia vivificante. Nele o tempo do homem encontra a frescura e a fertilidade. Para isto Deus o santificou, isto é, separou-o dos dias de trabalho. O fato de os dias de descanso terem sido apartados dos dias de trabalho é benefício idêntico à separação entre luz e trevas. Não deveríamos reconquistar esta alegria pela criação divina?

3. No Livro do Pacto encontramos, em Ex 23, 12, uma das mais antigas versões do mandamento do sábado. Esta versão nos dá mais outra fundamentação deste dia: “Seis dias farás a tua obra, mas ao sétimo dia descansarás: para que descanse o teu boi e o teu jumento; e para que tome alento o filho da tua serva e o forasteiro (wejjinapes é usado aqui de igual modo para o filho do trabalhador e para o forasteiro assalariado, que necessitam, de descanso, como é usado em Ex 31, 17 para o Criador)”. É deveras interessante que a única razão do dia de descanso, que aqui é mencionada, é o repouso das forças operárias dependentes. Emocionante é a preocupação para com o gado atormentado. Ainda mais emocionante é o fato de que dos operários de profissão são mencionados logo o filho da serva e o forasteiro assalariado. Estes eram os mais impotentes frente às exigências do patrão. Um trabalho que um senhor não ousaria dar a uma serva adulta ou a um escravo israelita, seria dado, no entanto, ao filho da serva ou a um operário não israelita. O mandamento toma estes casos extremos para fundamentar que o sábado foi instituído para o bem dos que são sobremaneira explorados e dependentes.

A partir daí compreende-se porque, nas grandes versões do dia do descanso nas séries dos dez mandamentos, são mencionados principalmente os dependentes. Ex 20, 10 diz: “Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro que está na tua cidade”. Dt 5, 14 usa formulação quase igual com o significativo acréscimo: “para que o teu servo e a tua serva descansem como tu” kamoka. O mandamento do dia de descanso, portanto, permite a igualdade de todos os homens perante Deus. Pelo menos

aos sábados os pais deveriam parar de dar ordens aos seus filhos e filhas, e também aos seus empregados.

O Novo Testamento adota a idéia de que o dia de descanso deve vir em benefício principalmente dos membros fracos da sociedade. Numa das poucas vezes que aparece o primeiro dia da semana, no fim da Primeira Carta aos Coríntios (16, 2), este dia deve ser usado para coletar e economizar dinheiro, que seria destinado aos necessitados de Jerusalém.

Os oprimidos de perto e de longe, tão facilmente esquecidos durante a labuta egoísta de cada dia, deveriam ser preocupação nossa pelo menos no descanso perante Deus. Será que o tempo livre também não nos foi prescrito para que estranhos possam tomar alento em nossa casa ou em nosso jardim? Para que aqueles que já há tempo esperam por um alô nosso ganhem mais do que um fácil cartão postal? Para que um doente tenha conosco mais do que um papo superficial? O mandamento do dia de descanso nos torna livres para o escravo moderno, aquele que vive à margem da sociedade, seja qual for a sua posição frente a nós. "Ele teve tempo para mim. Não poderá haver maior testemunho da tua parte perante o trono de Deus do que este", escreveu uma vez Ludwig Köhler. Não por último também Jesus nos lembra que o sábado foi feito por causa do homem e não o homem por causa do sábado (Mc 2, 27). Mas aqui é bom prevenir contra uma atividade pseudo-piedosa. Todo o respeito aos oprimidos só é legítimo se este respeito nascer da alegria viva pela dádiva da liberdade e tiver origem na certeza de que nada pode apartar-nos do amor de Deus.

4. Os profetas acusam especialmente o ativismo ao sábado. O profeta Amós condena os comerciantes que não podem esperar o fim do sábado para de novo poderem vender o seu cereal e enganar as pessoas com mercadoria ruim, pesos falsos e preços exorbitantes (8, 5). Deve ser observado que o mesmo profeta que polemiza apaixonadamente contra as peregrinações e outras atividades culturais referentes ao sacrifício (Am 4, 4s; 5, 21ss) é também aquele que exige que se guarde o sábado. Isto provavelmente porque este profeta é importante testemunha do fato de que o homem não vive de suas próprias obras, mas a partir dos atos de Deus. Uma palavra de Jeremias, já influenciada pelo Deuteronomista, previne (Jr 17, 21ss): "Guardai-vos por amor de vossa alma, não carregueis cargas no dia de sábado". Talvez esta palavra já tenha a tendência da casuística surgida mais tarde. Mas ela ainda é caracterizada pela alegria na vida livre, concedida a Israel por Deus, no entanto perdida na preocupação do próprio homem. Linda é a palavra de Trito-Isaías a este respeito (Is 58, 13-14): "Se desviares o teu pé de profanar o sábado, e de cuidar dos teus próprios interesses no meu santo dia, se chamares ao sábado um deleite ('onäg = prazer, delícia) e ao santo dia de Javé digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então te deleitarás em Javé. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra, e te sustentarei com a

herança de teu pai Jacó; porque a boca de Javé o disse". As exortações concretas não estão sublinhadas pelo medo do castigo, mas pelo prazer da alegria.

As palavras dos profetas dirigem-se contra a tendência natural do homem, a tendência de labutar para assegurar a sua vida ou até para elevar o seu nível de vida. Contra este erro já se opõe um acréscimo ao texto antigo e curto do mandamento do descanso em Ex 34, 21b. Diz o texto original: "Seis dias trabalharás, mas ao sétimo dia descansarás". E o acréscimo: "— também no tempo da aradura e da sega". Talvez a curta versão antiga remonte aos tempos do nomadismo. O acréscimo, no entanto, explica o mandamento para as condições na terra cultivada. Tem-se aqui em mente tempos em que o trabalho se acumula e se multiplica. Exatamente então é que o homem necessita do dia do descanso. (P. ex. o estudante, no fim do prazo dos trabalhos e durante as provas; o docente, no acúmulo de palestras e reuniões.)

Este zelo exagerado e irrequieto — trabalhar sempre mais para ganhar cada vez mais — é criticado pela história do maná em Ex 16, até com bastante humor. Cada dia Deus faz cair pão fresco; o pão deve ser recolhido diariamente, pois o pão do dia anterior cheira mal. Mas no sexto dia cai o dobro do pão, entretanto a porção destinada ao sábado "não cheirou mal nem deu bichos", como dizem vs 22-24. Mas alguns não podem deixar de recolher pão também no sétimo dia — tal e qual os homens modernos — "porém nada acharam", narra o relato, v 27, com um quezinho de mofa. O ativismo no sétimo dia é desprezado como sendo trabalho vão. Este ativismo desconsidera a providência de Deus. O homem não vive de sua incansável atividade, mas do agir de Deus.

Também Neemias pretendia, a seu modo, introduzir este evangelho. Ele notou que havia quem, aos sábados, trabalhasse nas prensas, embarcasse cereais, vendesse vinho, figos e outros mantimentos e que o pessoal de Tiro trazia peixe ao mercado. Por isso ele repreendeu os responsáveis: "Que coisa ruim é esta." "Foi assim que vossos pais aumentaram a ira de Deus." Em conseqüência disto Neemias mandou trancar as portas da cidade de Jerusalém aos sábados. Muitos consideraram esta decisão prejudicial ao seu progresso econômico. Outros acusavam, como Tácito (Hist. V 4), os que guardavam o sábado de preguiçosos. Porém "o sentido da vida humana é mais elevado do que a luta pela existência. Todo sábado concede aos que vivem sob o reinado (de Deus) cada vez de novo a liberdade dos filhos de Deus, mesmo que agora ainda de forma restrita, mas sempre com a renovada promessa de um dia esta liberdade ser concedida totalmente" (W. Vischer, *Nehemia: Festschr. v. Rad*, 1971, 609).

5. No Novo Testamento pressupõe-se que o dia do descanso é um prelúdio da liberdade definitiva e total. Em Cl 2, 17s os sábados são entendidos como sombra das coisas futuras, manifestas corporalmente em Cristo. Dentro do Antigo Testamento este significado escatológico do sábado tem seu início no tempo do Exílio. No Exílio

Babilônico o sábado torna-se um sinal do Pacto, o sábado era símbolo de confissão. Diz o profeta Ezequiel, em nome de seu Deus, aos israelitas atormentados: "Santificai os meus sábados, pois servirão de sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou Javé, vosso Deus" (Ez 20, 20). Neste sentido também o **Escrito Sacerdotal** entende a ordem do sábado. Em Ex 31, 12-17 (P) se evidencia, em primeiro lugar, que o violador do sábado é ameaçado de morte (v 14). Compare Ex 35, 2! Nm 15, 32-36 fala do cumprimento de uma pena de morte. Deve-se, no entanto, observar que realização nenhuma é exigida para a observância do sábado. Exatamente pelo não fazer nada, pelo ficar passivo, o sábado é santificado, porque é exatamente por esta atitude passiva que o israelita testemunha a intercessão de Deus por ele. O sábado é válido como "sinal" de um "Pacto" "para sempre" (cf. vs 13.16s). Como para Noé o sinal do arco-íris e para Abraão o sinal da circuncisão, assim também o sinal do sábado é para Israel uma berit, isto é, um "auto-comprometer-se" de Javé com Israel (cf. E. Kutsch, *Sehen und Bestimmen: Festschr. K. Galling*, 1970, 170). Esta berit tem validade "para sempre (berit 'olam), até as gerações mais distantes (vs 13.16). Com isto Israel é presenteado com a liberdade na esperança. Esta liberdade, no entanto, já é realizada pela oferta concreta de uma forma de viver. Quem não quiser aceitar esta oferta, quem, pois, não quiser descansar nem mesmo no sétimo dia, este se entrega à morte. (Talvez o **Escrito Sacerdotal** também tenha visto no sétimo dia o dia da grande revelação, pois ele apresenta o evento do Sinai, fundamental para a fé israelita, em Ex 24, 15-18, da seguinte maneira: Durante seis dias a glória de Javé permanece oculta em uma nuvem. Mas no sétimo dia Javé chama Moisés de dentro da nuvem, e aos israelitas é dado ver a glória de Javé em forma de fogo ardente no cume da montanha. Assim, o sétimo dia, além de ser, para o **Escrito Sacerdotal**, o dia da criação perfeita e completa, também é o dia da revelação perfeita.)

Já no Antigo Testamento, portanto, o sábado torna-se um evento escatológico dentro da efemeridade da nossa vida. Hoje o sábado é um sinal importante; e isto em dois sentidos: Em primeiro lugar nós deveríamos, a partir do sábado, encontrar constantemente novos modelos de como estruturar mais livremente todos os dias da semana. Esta função o sábado já tem cumprido, direta- ou indiretamente, no decorrer dos séculos. O dia de descanso deveria ser o exemplo e a norma para a atitude fundamental do homem perante Deus, o dia próprio para tomar novo ânimo. O ócio do dia de descanso pode tornar-se criativo e encontrar uma forma de estruturar mais livremente tanto o trabalho próprio como o de outros nos dias de serviço.

Em segundo lugar e antes de tudo o dia de descanso é um sinal da esperança pela liberdade total dos filhos de Deus, pela qual espera toda e qualquer criatura. Vimos como o sábado, no Deuteronômio, coloca o escravo e o livre em nível de igualdade. Vimos também como o **Escrito Sacerdotal** quer indicar, com o sábado, em direção a Javé que santifica o homem, isto é, que coloca o homem



em uma relação consigo mesmo, Deus, através de um Pacto eterno. O passo decisivo é dado pela primeira cristandade que celebra o dia de descanso no primeiro dia da semana. Com isto ela relembra, semana após semana, a Ressurreição de Jesus dentre os mortos. Desta maneira a cristandade fundamenta, com regularidade, a esperança pela ressurreição de todos, pelo mundo novo prometido a nós por Deus, onde as lágrimas serão enxutas, onde não mais existirá morte nem luto nem pranto nem dor (Ap 21, 4). O primeiro dia da semana deveria ser para nós todos sinal do último dia. O domingo é minimizado se ele não nos fizer lembrar, pelo menos um pouco, o dia da liberdade completa e total.

Uma nova geração talvez sentiria o prazer de celebrar de novo mais conscienciosamente o sétimo dia. Ela poderia evidenciar a posição destacada que o dia do descanso tem dentre todos os dias de serviço e também dentre todos os dias dedicados ao hobby; e isto através de um desistir aberto e alegre de todo o ativismo e "querer realizar-se" tanto no tempo de serviço como no tempo livre. Não seria bom que também nossas comunidades descobrissem novos costumes de como celebrar o dia de descanso, tanto para o indivíduo como para a família e grupos maiores? Assim também o mundo em torno de nós teria chance de experimentar um pouco mais da liberdade que nos é dada, um pouco mais da alegria pela criação, da ajuda aos mais atormentados, da falta de sentido no incessante e incansável labutar, do prelúdio da liberdade completa e total. Será que o Antigo Testamento, com as suas mais variadas versões sobre o mandamento do dia de descanso, já não nos lança a pergunta: Que é que podemos mudar em nós?